REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS

ISSN: 2237-6585

Reconquista: entre a negação, exaltação e neutralidade

PORRINAS, David (ed.). **¡Reconquista! ¿Reconquista? ~~Reconquista~~.** Madrid: Desperta Ferro, 2024.

RESENHA DE LIVRO.

Ms. Éderson José de Vasconcelos[1]

O livro ¡Reconquista! ¿Reconquista? Reconquista., organizado por David Porrinas e publicado em 2024, apresenta diferentes interpretações do conceito de Reconquista Ibérica elaboradas por diversos medievalistas. A obra aborda três perspectivas centrais de análise: 1 - Autores que utilizam o conceito e concordam com ele; 2- Historiadores que empregam o conceito, mas apresentam ressalvas, pois este serviu como discurso identitário durante a ditadura de Francisco Franco, na Espanha; 3- Medievalistas contrários à utilização do termo, argumentando que ele não aparece nas fontes medievais e que se trata de uma ferramenta do discurso nacionalista do franquismo.

Tradicionalmente, denomina-se Reconquista o período que se estende do século VIII — com a entrada dos muçulmanos na Península Ibérica — até o século XV, quando, em 1492, os cristãos conquistaram Granada, o último reino islâmico. Atualmente, essa definição tradicional de Reconquista passa por um processo de revisão. Historiadores espanhóis, brasileiros e de outras nacionalidades buscam compreender o conceito a partir de distintas correntes historiográficas, como a positivista, a marxista, a dos Annales, entre outras.

[1] Bolsista CAPES. Sob a orientação da medievalista Dra. Aline Dias da Silveira. Doutorando em História Global pela Universidade Federal de Santa Cantarina (UFSC), Membro do grupo de pesquisa Meridianum (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais) e Ihsan (Islã: História e Sociedade em Análise – UFRJ). Doutorado Sanduíche na Universidade Autônoma de Madrid (UÁM) sob orientação do Professor Dr. José Santiago Palacios Ontalva. É membro da Associação Brasileira de Estudos Medievais (Abrem). Licenciado e Mestrado em História pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). E-mail de contato: ederson_vasconcelos@hotmail.com.

A obra analisa o conceito desde a Idade Média até os debates historiográficos contemporâneos. Assim, por meio dessa coletânea, é possível compreender as diferentes interpretações historiográficas sobre o tema. Trata-se, portanto, de uma obra fundamental para o entendimento do conceito, ao explorar tanto as fontes peninsulares e extra ibéricas quanto as diversas correntes interpretativas da historiografia. Como esta é uma resenha crítica de uma coletânea de artigos, não apresentaremos individualmente os autores que compõem a obra.

Nos dois primeiros capítulos — "*Reconquista y restitutio: La noción en su contexto histórico medieval*", de Carlos de Ayala (Universidad Autónoma de Madrid), e "¡*Que Dios la haga volver al islam! La idea de Reconquista de al-Ándalus* (ss. XI-XIII)", de Javier Albarrán (Universidad Autónoma de Madrid) — os autores buscam compreender o significado da Reconquista a partir das fontes medievais.

Carlos de Ayala apresenta sua interpretação com base em fontes castelhanas do século X, bem como em documentos de Navarra, do Império Carolíngio e de Roma, após a convocação das Cruzadas. O medievalista entende a ideia de um desenvolvimento neogótico, que visava à recuperação do território visigodo após o século X.

Contrapondo-se a essa interpretação de matriz latina, Javier Albarrán busca compreender o fenômeno pela perspectiva islâmica, tendo como escopo de análise a consolidação do conceito de *Jihad*. O autor demonstra como essa noção passou a ser utilizada no discurso da "reconquista muçulmana" promovida pelos reinos do norte da África — almorávidas e almôadas — entre os séculos XI e XIII, que tinham como objetivo a recuperação de Al-Andalus.

A partir das interpretações de Carlos de Ayala e Javier Albarrán, percebemos a multiplicidade de entendimentos medievais sobre os processos de expansão dos reinos cristãos e muçulmanos. Assim, podemos identificar distintas compreensões do conceito de Reconquista nas fontes medievais e nas abordagens analíticas dos próprios medievalistas.

No terceiro capítulo da obra, "*La Reconquista: Génesis y trayectoria de un concepto historiográfico*", Martín Federico Ríos Saloma (Universidad Nacional Autónoma de México) busca compreender as origens historiográficas do conceito,

demonstrando o seu primeiro uso durante o período moderno, no contexto da colonização espanhola na América. Posteriormente, o autor analisa como o termo foi apropriado e serviu como alicerce legitimador da ditadura de Francisco Franco (1939–1975). Em outras palavras, Ríos Saloma procura demonstrar como o conceito historiográfico de Reconquista atuou como ferramenta de legitimação colonial.

Essa mesma problemática é retomada no quarto capítulo, "*Un balance problemático. Inconvenientes y ventajas historiográficas de un término operativo*", de Francisco García Fitz (Universidad de Extremadura). Nesse trabalho, García Fitz inicia seu texto discutindo o uso político do conceito de Reconquista, evidenciando as diferentes interpretações historiográficas e a forma como o termo se enraizou na historiografia ibérica. Na segunda parte, o autor apresenta como o contexto histórico influenciou sua consolidação, abordando também os debates historiográficos que tangenciam essa temática.

No quinto capítulo, "*En defensa de la Reconquista",* de Armando Besga Marroquín (Universidad de Deusto), o autor procura defender o uso do conceito, contrapondo-se aos estudos que rejeitam essa nomenclatura. Em um texto bem estruturado, Besga Marroquín sustenta que foi por meio do processo expansionista cristão durante o medievo que se consolidou a identidade nacional espanhola. Outro ponto de destaque em sua argumentação é a ênfase na não neutralidade da historiografia, pois, segundo ele, os conceitos históricos são sempre influenciados pelas diferentes correntes historiográficas e pelos contextos históricos nos quais são produzidos.

No sexto capítulo, "*Falsos debates acerca de la Reconquista. Término, concepto, categoría historiográfica*", Ana Isabel Carrasco Manchado (Universidad Complutense de Madrid) busca compreender como a noção de Reconquista pode ser analisada pela historiografia enquanto termo, conceito e categoria historiográfica. Para a autora: "*La noción de Reconquista. Este cuestionamiento se produjo ya entre finales del siglo XIX e inicios del XX. El 'debate' que, en la actualidad, parece volver con especial vehemencia a propósito del cuestionamiento del empleo que hay que hacer del concepto de Reconquista*." (CARRASCO MANCHADO, 2024, p. 146–147)

Com base nas palavras de Carrasco Manchado, observa-se que a medievalista entende o conceito como uma fabricação historiográfica, ausente nas fontes medievais.

Em outras palavras, a autora preocupa-se em analisar como a historiografia dos séculos XIX e XX compreendeu o conceito, bem como as influências históricas que incidiram sobre sua formulação.

Por fim, no sétimo capítulo, "*Usos políticos del concepto de Reconquista*", Alejandro García Sanjuán (Universidad de Huelva) — um dos principais estudiosos contemporâneos que rejeitam a utilização do conceito — busca evidenciar a importância dos muçulmanos na história ibérica e denunciar o uso político do termo, tanto durante o período franquista quanto na contemporaneidade, especialmente por parte do partido espanhol de extrema-direita Vox[2].

García Sanjuán destaca que é fundamental debater esse conceito, pois: "*No se trata solo de proteger el conocimiento histórico de todo tipo de manipulaciones, distorsiones y tergiversaciones, sino de prestigiar la propia labor historiográfica dotándola de una dimensión social que la convierta en un servicio público de utilidad para las ciudadanías*." (GARCÍA SANJUÁN, 2024, p. 191) O medievalista chama a atenção para o uso do conceito de Reconquista como uma ferramenta política que expressa um discurso islamofóbico, heteronormativo, católico e branco. Ou seja, García Sanjuán busca nos alertar para os problemas decorrentes da utilização do conceito de

[2] Quanto de *antiestablishment* há nos membros do partido político espanhol chamado Vox? Entre seus líderes e deputados no parlamento, encontramos empresários e financistas, aristocratas, profissionais altamente qualificados, um general de brigado aposentado que fez carreira em missões internacionais de "paz", políticos que durante 34 anos foram membros do parlamento pelo partido conservador, prefeitos franquistas e simpatizantes da Falange Espanhola, o partido fascista fundado em 1933 que durante quatro décadas atuou como o único partido do Estado. Sua mais recente adição é um professor de direito constitucional condenado pelos tribunais por violência contra sua esposa. Os encontramos bradando slogans *antiestablishment* como se fossem arremedos de *skinheads* de rua. Eles fazem o barulho que atrai os setores populares desencantados, os mesmos onde procuram apoio. Eles quebram moldes da mesma forma em que seus ancestrais ideológicos da década de 1930 quebraram cabeças. O Vox é o partido da extrema-direita espanhola. A direita que "não sente complexo" em se reconhecer em expressões radicais. Iniciou suas atividades em 2014 e mal recebeu 0,20% dos votos válidos nas eleições gerais de 2016. Já em 2019, recebeu mais de 15% dos votos, tornando-se o terceiro partido mais votado, com 52 deputados em um parlamento nacional de 350 assentos. Os resultados das eleições parlamentares regionais foram mais modestos, mas seu apoio tem sido indispensável para sustentar os governos do Partido Popular (PP), a direita conservadora tradicional. O PP está aberto a colaborar com o Vox em 2023 para governar os conselhos municipais nas grandes cidades, formar governos nas comunidades autônomas e tentar a presidência — as três eleições a serem realizadas este ano. Informações retirada do site: https://revistarosa.com/7/um-espectro-sombrio

Reconquista e para o modo como essa leitura historiográfica está associada a generalizações e preconceitos.

No último capítulo da obra, intitulado "*La Reconquista en la cultura popular*", Francisco José Moreno Martín (Universidad Complutense de Madrid) analisa como, durante a ditadura de Francisco Franco, foi construída uma narrativa sobre a Reconquista Ibérica, na qual a guerra medieval passou a ser associada à cultura popular espanhola. Para a consolidação dessa mentalidade, Moreno Martín destaca a produção de patrimônios históricos, como estátuas e quadros que exaltam heróis ibéricos — entre eles, El Cid e Pelayo. Dessa forma, o autor defende que, por meio da criação dessas representações, o movimento franquista incorporou essa mentalidade à sociedade espanhola.

A partir dos artigos reunidos na obra, é possível desenvolver uma visão holística sobre o conceito de Reconquista, uma vez que o livro o aborda desde a Idade Média até os debates historiográficos contemporâneos. Assim, a coletânea permite compreender as diversas interpretações historiográficas sobre o tema, configurando-se como uma leitura fundamental para o entendimento desse conceito.